

Karolina Válová 

Universidade Carolina

[karolina.valova@ff.cuni.cz](mailto:karolina.valova@ff.cuni.cz)

## František Listopad escreve sobre Portugal nas páginas da revista *Sklizeň*<sup>1</sup>

### Resumo:

O artigo apresenta a obra de exílio publicada na revista *Sklizeň*, tematicamente dedicada a Portugal, do poeta, escritor e ensaísta checo František Listopad. Depois do golpe comunista de 1948, Listopad emigrou para França e dez anos depois mudou-se para Portugal, primeiramente para o Porto, depois para Lisboa, seguindo a sua esposa portuguesa. Em Portugal inventou e adotou o pseudónimo Jorge Listopad. Na sua nova terra natal tornou-se um artista de sucesso, trabalhou na rádio e na televisão e dirigiu peças de teatro. Retornou à Checoslováquia somente depois de 1989, após a revolução democrática. Ao longo da sua vida artística, procurou ser uma personagem-ponte entre muitas culturas. Durante o período de exílio, contribuiu para diversas revistas publicadas fora do território da Checoslováquia, que tentavam preservar a língua checa e a eslovaca, bem como a cultura. Para o meu artigo selecionei textos relacionados com Portugal, que são objeto de um diário de viagem ou de análise histórico-literária, bem como tema para os meus próprios poemas, especialmente da revista de exílio *Sklizeň*. Esta

---

<sup>1</sup> O artigo “František Listopad escreve sobre Portugal nas páginas da revista *Sklizeň*” foi implementado no âmbito do programa de apoio institucional básico à ciência e investigação Cooperatio da Universidade Carolina, área de estudo Literatura/Estudos Medievais.

revista foi publicada entre os anos (1953-1979) em Hamburgo, Alemanha. No final do artigo aparecerão dois textos essenciais de outras revistas do exílio: *Archa* (Hamburgo) e *Proměny* (Nova Iorque), sobre Cesário Verde e Fernando Pessoa. **Palavras-chave:** František Listopad, exílio, Portugal, revista *Sklizeň*, diário de viagem

#### **Abstract:**

#### **František Listopad writes about Portugal in the pages of *Sklizeň* magazine**

The article presents the work in exile in *Sklizeň* magazine, thematically dedicated to Portugal, by the Czech poet, writer and essayist František Listopad. After the communist coup in 1948, Listopad emigrated to France and ten years later to Portugal. First to Porto, later to Lisbon, he followed his Portuguese wife and adopted the pseudonym Jorge Listopad. In his new homeland, he became a successful artist, worked on radio and television, and directed theatre plays. He returned to Czechoslovakia at 1989, after the democratic revolution. Throughout his artistic life, he tried to be a personality-bridge between many cultures. During the period of exile, he contributed to various magazines published outside the territory of Czechoslovakia, which tried to preserve the Czech and Slovak language, as culture as well. For this article, I have selected texts related to Portugal, which in them is the object of a travelogue or literary-historical analysis, as well as a topic for my own poems, especially from the exile magazine *Sklizeň*. This magazine was published between the years (1953-1979) in Hamburg, Germany. At the end of the article, two essential texts from other exile magazines *Archa* (Hamburg) and *Proměny* (New York) will appear, regarding, in the Czech environment, pioneering texts about Cesário Verde and Fernando Pessoa.

**Keywords:** František Listopad, exile, Portugal, *Sklizeň* magazine, travelogue

O artigo apresenta a obra de exílio publicada na revista *Sklizeň*, tematicamente dedicada a Portugal, do poeta, escritor e ensaísta checo František Listopad. Depois do golpe comunista de 1948, Listopad emigrou para França e dez anos depois mudou-se para Portugal, primeiramente para o Porto, depois para Lisboa, seguindo a sua esposa portuguesa. Em Portugal inventou e adotou o pseudónimo Jorge Listopad. Na sua nova terra natal tornou-se um artista de sucesso, trabalhou na rádio e na televisão e dirigiu peças de teatro. Retornou à Checoslováquia somente depois de 1989, após a revolução democrática. Ao longo da

sua vida artística, procurou ser uma personagem-ponte entre muitas culturas. Durante o período de exílio, contribuiu para diversas revistas publicadas fora do território da Checoslováquia, que tentavam preservar a língua checa e a eslovaca, bem como a cultura. Para o meu artigo selecionei textos relacionados com Portugal, que são objeto de um diário de viagem ou de análise histórico-literária, bem como tema para os meus próprios poemas, especialmente da revista de exílio *Sklizeň*. Esta revista foi publicada entre os anos (1953-1979) em Hamburgo, Alemanha. No final do artigo aparecerão dois textos essenciais de outras revistas do exílio, *Archa* (Hamburgo) e *Proměny* (Nova Iorque), sobre Cesário Verde e Fernando Pessoa.

### **A situação depois de Fevereiro de 1948 na Checoslováquia**

Entre 17 e 15 de fevereiro de 1948, ocorreu um golpe político na Checoslováquia<sup>2</sup>, durante o qual o Partido Comunista chegou ao poder. Na terminologia da ideologia da altura, esta época é por vezes chamada de Fevereiro da Vitória dos trabalhadores ou apenas Fevereiro. Atualmente, estes acontecimentos são percebidos como uma transição da democracia do pós-guerra para o totalitarismo e a inclusão da Checoslováquia no bloco de poder soviético. As principais consequências do golpe incluem a restrição dos direitos humanos, o declínio económico do país e, sobretudo, o desencadeamento de uma grande onda de emigração. O regime comunista governou a Checoslováquia até Novembro de 1989 quando ocorreu a Revolução de Veludo.

Entre as repressões fundamentais do regime totalitário estava o encerramento das fronteiras, a circulação no estrangeiro era permitida apenas a certas pessoas politicamente adequadas, somente mediante pedido especial e apenas para outros países socialistas.

Em antecipação a medidas semelhantes, uma grande parte da sociedade intelectual da Checoslováquia, artistas e pessoas de pensamento livre, emigrou durante o ano marcante de 1948, o que influenciou

---

<sup>2</sup> Em 1993, a Checoslováquia dividiu-se em duas repúblicas independentes, a República Checa e a República Eslovaca. Então, a 1º de maio de 2004, foram admitidos conjuntamente na União Europeia.

fortemente a sociedade que permaneceu na Checoslováquia e a sua cultura. Os emigrantes checos, na Alemanha (que tinha um passado nazi, mas que proporcionava o conforto de uma língua bem conhecida), em França (onde se instalou uma importante diáspora checa) e mais adiante em Inglaterra, nos Estados Unidos da América ou nos países nórdicos da Europa, também queriam expressar-se na literatura. (Janoušek, 2008: 208-210) Por isso, revistas e pequenas editoras foram criadas em condições modestas, muitas vezes na forma de DIY (do it yourself - feito por si mesmo), financiadas por contribuições de simpatizantes. Alguns viam nesta atividade uma forma democrática de expressar atitudes políticas, outros queriam publicar a sua poesia ou prosa. A atividade editorial ilegal, a chamada samizdat, também surgiu no ambiente da oprimida Checoslováquia, para a qual, no entanto, havia penas de prisão muito elevadas. Samizdat é uma forma de os ativistas civis contornarem a censura em regimes repressivos. Pela palavra samizdat, quero dizer a publicação de livros, revistas e jornais às próprias custas, ilegalmente. Os samizdats eram distribuídos e copiados na Checoslováquia em pequenas quantidades. No início eram copiados à mão, depois nas máquinas de escrever e ainda mais tarde nas fotocopiadoras. No entanto, era uma atividade criminosa e aqueles que a praticavam poderiam ir para a prisão por muitos anos. Não era fácil conseguir uma máquina de escrever, por causa da censura, e os seus números de produção e de distribuição eram guardados pela polícia secreta.

Em 1984, a obra poética de František Listopada foi incluída no livro *Poetas e Solitários* (Básníci a samotáři) com o subtítulo *Antologia da obra de poetas silenciados ou oficialmente inéditos* (Antologie tvorby zamlčovaných nebo oficiálně nepublikujících básníků). Esta publicação foi escrita à máquina, “de acordo com a tiragem, foi publicada no original e em dois exemplares, mas a tiragem ronda provavelmente os dez exemplares” (Příbáň, 2018: 114). A seleção dos autores foi classificada em treze secções, algumas das quais definidas não pelo parentesco poético, mas pelos contextos políticos. František Listopad estava no departamento de poetas pós-Fevereiro.

### **Vida política e literária da Checoslováquia no exílio**

O exílio é principalmente um fenómeno político, pelo que os objetivos principais definidos pelos emigrantes checos e eslovacos pós-Fevereiro eram principalmente políticos. Contudo, além da situação política internacional não muito favorável, a sua concretização era dificultada por contradições internas históricas e de poder. No caso das contradições históricas, tratava-se de encontrar os culpados do início do regime comunista. A situação difícil também dizia respeito ao acordo dos exilados checos e eslovacos, que até ao final da Primeira Guerra Mundial tinham histórias e posições políticas muito diferentes, inclusive durante a Segunda Guerra Mundial. As contradições de poder relacionavam-se com a ideia utópica de que, no futuro, o Partido Comunista seria derrotado e seria necessário formar um novo governo. Uma tentativa de unificar os partidos fragmentados e as facções políticas do exílio traduziu-se na criação do Conselho da Checoslováquia Livre (Rada svobodného Československa) em 1949, que deveria cumprir a função de um determinado governo no exílio. No entanto, também ficou paralisado por conflitos irreconciliáveis no seio da sua liderança. Um acontecimento positivo foi a criação da estação de Rádio Europa Livre (Rádio Svobodná Evropa; Radio Free Europe), cuja redação checoslovaca foi a primeira a ser criada em 1951. (Janoušek, 2008: 126-127) É então que a vida política do exilado começa a centrar-se no lar, na pátria de origem. No entanto, poucas ideias penetraram nas fronteiras fechadas e estritamente vigiadas, e a política de exílio não teve a oportunidade de influenciar a situação dentro da Checoslováquia. Na década de 1960, especialmente depois de 1968, quando a tentativa checoslovaca de aliviar a situação terminou com a ocupação das tropas do Pacto de Varsóvia, o interesse dos emigrantes voltou-se para as suas próprias vidas e para a vida na sua nova pátria. Estava claro para todos que o exílio seria de longa duração e a situação não iria melhorar. O interesse nas ambições de poder diminuiu gradualmente e a vida política no exílio acalmou-se. Contudo, as atividades artísticas e sociais desenvolveram-se ainda mais.

Apesar de vários livros terem sido publicados recentemente sobre esta questão, estou inclinada a concordar com a opinião de Michal Přibáň, um historiador literário checo: “a documentação da literatura do exílio ainda está em grande parte armazenada em arquivos públicos e privados fora da República Checa” (Přibáň, 2008: 14).

A situação dos artistas, especialmente dos literatos no exílio, foi resumida pelo jornalista Ferdinand Peroutka numa transmissão de rádio para a Rádio Europa Livre em 5 de outubro de 1963<sup>3</sup>:

...os escritores são, tanto no exterior quanto em casa, mais vulneráveis do que outros setores da população... O escritor logo se encontra no exílio e precisa tomar uma decisão. Ou ele escreverá como antes, para casa, mas o governo fechou todas as estradas lá... Ou escreverá para o resto do mundo, mas nesse caso faria bem em não se apressar, mas em olhar ao redor. [...] ...se ele quiser falar com o ambiente que agora o rodeia, deve responder às perguntas que ele faz, e não apenas às que trouxe de casa. Eles têm que se livrar da pele velha até certo ponto e desenvolver uma nova pele. Tal transformação não acontece de uma só vez. O escritor no exílio foi confrontado com uma tarefa que os escritores locais não têm ideia: testar-se imediatamente, diretamente, num fórum literário e filosófico internacional, crítico e nada sentimental. Isso é diferente de escrever atrás de um lar doméstico (Holý e Lukeš, 2001: 174-176).

František Listopad foi um dos artistas que descobriram em 1948 que não poderiam permanecer mais na Checoslováquia.

### **O checo František Listopad e o português Jorge Listopad**

O destino dos escritores nem sempre está ligado ao seu trabalho, que é sobretudo o resultado da inspiração e da imaginação e não do registo de experiências pessoais. No caso de František Listopad, acontece exatamente o contrário. Conhecer a sua vida é a chave para compreender as muitas nuances da sua vasta obra.

---

<sup>3</sup> Como texto escrito foi publicado em 1984 por Jiří Kotvun num livro de textos póstumos chamado *Vamos continuar* (Budeme pokračovat).

O nome de nascimento deste versátil artista, nascido em Praga e falecido em Lisboa, era Jiří Synek. Ele veio de uma família judia proeminente, o seu avô era dono de uma conhecida editora. No mesmo ano em que concluiu o ensino médio, começou a Segunda Guerra Mundial. Jiří Synek começou a expressar-se na literatura, escrevendo peças de rádio, contos e os primeiros versos. No entanto, foi difícil para um autor de origem judaica estabelecer-se. Talvez por esta razão, e talvez também por se esconder dos nazistas, ele mudou o seu nome para František Listopad em novembro de 1941. Escolheu novembro de acordo com o mês do seu nascimento, que, além disso, sugere sonoramente o outono em checo, uma época de melancolia, mas também um prenúncio de renovação natural (as folhas caídas voltam a brotar na primavera). Em 1942 ele foi convocado para se apresentar num comboio que iria até um campo de concentração para Judeus. Ele não quis aceitar isso, decidiu não entrar no comboio e fingir o suicídio. Ele foi declarado desaparecido e esteve escondido com amigos até ao final da guerra. Mais tarde, também participou da resistência doméstica no grupo Pela Liberdade (*Za svobodu*). Escrevia poemas e contos numa gaveta, ficava com fome, vivia no medo constante.

Após a guerra, começou a estudar estética e ciências literárias na Faculdade de Letras da Universidade Carolina em Praga e trabalhou como editor. Com um grupo de jovens esquerdistas foi cofundador do jornal *Mladá fronta*, que ainda hoje é publicado. Ele era o responsável pela coluna cultural do mesmo. Mais tarde, o grupo cresceu para incluir outros membros e inventou uma nova direção artística - o dinamoarquismo, que influenciou para sempre a poética de Listopad, especialmente a poesia. Em outubro de 1947, foi enviado como editor da revista *Parallèle 50* do Ministério da Informação para Paris, onde permaneceu após Fevereiro de 1948. Ele decidiu ficar num país estrangeiro e nunca mais retornar à sua terra natal, só a tendo voltado a visitar em dezembro de 1989, após a Revolução de Veludo. Na França, ganhou inicialmente a vida como jornalista, exerceu diversos ofícios e mais tarde trabalhou como diretor de televisão na Radio-télévision française.

Em 1958 mudou-se para Portugal, o país da sua esposa Julieta, que conheceu em Paris. Com ela conheceu Portugal em pequenas viagens a partir de 1954. A jovem família viveu primeiro no Porto, onde Listopad trabalhou como diretor na Radiotelevisão Portuguesa. Aqui mudou de nome pela segunda vez, passando a ser Jorge Listopad. Jorge é o equivalente português do nome original Jiří. Listopad, que é relativamente fácil de pronunciar em português, já ficou com ele. Em 1964, a família mudou-se para Lisboa, onde Listopad trabalhou na Universidade Técnica de Lisboa, primeiro como Professor de Cultura Eslava e Antropologia de Artefatos e depois como Diretor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (1975–1977). Em 1981 fundou o teatro TUT (Teatro da Universidade Técnica) e a partir de 1982 foi diretor da Escola Superior de Teatro e Cinema, a única escola pública deste tipo em Portugal. Paralelamente, dedicou-se de forma consistente à televisão e, a partir de 1966, em particular à direcção teatral (1984-1987 diretor, posteriormente tornou-se dramaturgo do Estúdio, integrado no Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional de Lisboa).

Porém, durante essas atividades ele ainda atuou na literatura. Escreveu artigos de jornal, roteiros de filmes, contos e colunas em francês e mais tarde em português. Paralelamente, escreveu poemas, mas exclusivamente em checo. Manteve a sua língua materna como meio de expressão interna, como prova da sua identidade pessoal. A situação foi um pouco complicada, um multiartista Jorge Listopad trabalhava nas suas encenações em português e um poeta exilado František Listopad escrevia poesia em checo. Durante a época do exílio francês e português publicou três coletâneas de poemas: *Liberdade e outra fruta* (Svoboda a jiné ovoce) com o subtítulo Poesia 1948-1958 que saiu numa editora de exílio, Bohemica Viennensia, em Viena em 1956. O segundo livro *Preto branco não sei* (Černý bílý nevím) saiu em 1973 na editora Index na Colónia. O terceiro livro *Os instrumentos da memória* (Nástroje paměti, 1982) saiu em Munique na editora PmD. Todas essas coletâneas foram reunidas num único título *Longe perto* (Daleko blízko) lançado na República Checa pós-revolucionária em 1993 na editora Český spisovatel.

Nesse artigo escrevo só sobre a obra escrita em checo e para os leitores checos dispersos fora da pátria, então tenho de falar sobre o autor como František Listopad.

Na coletânea *Preto branco não sei* apareceu pela primeira vez um poema com a temática portuguesa<sup>4</sup>. É um poema com um nome estranho “Versos checos com pós-escrito chinês” (České verše s čínskou douškou) onde se escreve na última estrofe:

Estes versos checos seguindo o caminho natural  
do sensual ao supersensual estou a ditar para minha filha  
que os desenha em chinês (no carro que dirijo  
da vila matinal até Lisboa) e não entende nenhuma palavra<sup>5</sup>

A crítica literária recebeu bem essa coletânea, por exemplo no livro *Nas coordenadas da liberdade, a literatura checa dos anos noventa do século XX em interpretações* (Hruška, 2008): “[Os versos] estão repletos de lugares específicos da República Checa e do estrangeiro, memórias de certas pessoas, evocando velhos momentos em numerosos regressos ao passado, reconciliando-se com uma dupla casa e uma dupla língua [...]. Há uma busca melancólica por um ponto de apoio no tempo inclinável e no espaço em movimento, um humor triste e imperceptível... (Hruška, 2008: 21).

Depois de se exilar em 1948, František Listopad contribuiu em checo, tanto com o seu próprio trabalho quanto com traduções, para muitas revistas do exílio, especialmente para *Sklizeň* (Hamburgo), *Svědectví* (Paris), *Archa* (Hamburgo) e *Promény* (Nova York); em francês para o *Le Monde* ou para o *France-Soir*; em português para os diários *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias* e *O Comércio do Porto*

---

<sup>4</sup> Na coletânea anterior, em *Liberdade e outra fruta* como último poema apareceu um texto dedicado a Julieta, sua futura esposa. O nome do poema é “Noivado” (Zasnoubení).

<sup>5</sup> Tyto české verše jdoucí přirozenou cestou  
od smyslového k nadmyslovému diktují právě dceři  
která je čínsky kreslí (v autu které řídím  
z ranní vsi do Lisabonu) a nerozumí slovu  
*Traduzido pela autora do artigo.*

e sobretudo para a revista *Jornal de Letras*, onde escreveu principalmente críticas de teatro; em inglês para a *Books Abroad* etc.

### **Revista *Sklizeň* (revue cultural independente)**

*Sklizeň*, uma revista cultural independente foi publicada durante os anos 1953-1979 em Hamburgo, inicialmente com uma frequência mensal, depois bimestral e trimestral. Terminou em 1969 e dez anos depois foi publicada uma única edição dupla de Natal. O nome da revista significava “colheita”, ou seja, atividade que coleta os resultados do trabalho humano de longo prazo.

A revista *Sklizeň* foi publicada e editada por Antonín Vlach. O jornal incluiu poesia original, prosa, textos muitas vezes satíricos dirigidos ao exílio, traduções da literatura mundial, reflexões filosóficas e ensaios de estudos de arte, reportagens culturais numa escala incomparável a outras revistas contemporâneas do exílio. Mais tarde, também apareceram contribuições científicas, escritas por exilados checos. Resenhas e estudos críticos também receberam certo espaço, apenas raramente houve artigos orientados para política ou ciência política. A secção mais ou menos regular de traduções também foi significativa. Uma importante fonte bibliográfica para o estudo de livros e revistas publicados no exílio é a coluna “Dedicado à redação”, existente a partir do número 10/1954. Uma parte substancial do artigo consistia em reportagens culturais, especialmente do ambiente de exílio e como expatriado.

O próprio Antonín Vlach escreveu no primeiro número: “O primeiro ano de *Sklizeň* é a expressão de uma busca: uma busca pelo sentido de escrever e publicar literatura do exílio, uma busca por novos temas, uma busca por novos criadores...” (Přibáň, 2008: 103). O primeiro número de *Sklizeň* foi publicado em janeiro de 1953 e o jornal foi publicado mensalmente até 1959, bimestralmente a partir de 1960, a partir de 1962 trimestralmente, em 1965 foram publicados só seis números, depois um número por ano. O último número, 138, além do já citado único Natal de 1979, a numeração consecutiva foi datada de dezembro de 1968/janeiro de 1969. O fascículo evoluiu de um mensal de 8

páginas para um bimestral de 24 páginas e um trimestral, os anuais têm uma faixa de até 63 páginas, as edições documentadas da década de 1970, apenas de 2 a 4 páginas. Ao longo do período, a revista foi reproduzida em ciclostilo, técnica especial em que o texto é escrito na membrana e depois colorido, e a partir do final da década de 1950 também foram incluídas ocasionalmente reproduções de fotografias.

### **František Listopad refere sobre Portugal**

František Listopad contribuiu para *Sklizeň* desde o seu início até 1963. Escreveu em muitas secções, além dos seus próprios poemas, roteiros para peças de rádio e contos, publicou aqui principalmente traduções e resenhas. Não escreveu textos académicos, mas populares. Na maioria dos casos não foram indicadas as fontes onde encontrou materiais para traduções, etc.. Dedicou sete textos a Portugal, que comentarei mais detalhadamente.

Contudo, dois factos devem ser observados aqui. O primeiro é que ninguém na República Checa teve acesso às publicações do exílio até 1989. As fronteiras tinham sido fechadas e as pessoas que já haviam emigrado estavam proibidas de entrar. A atividade educativa de Listopad sobre Portugal permaneceu assim apenas com os leitores no exílio. O segundo facto é que as relações entre a Checoslováquia e Portugal naquela época eram muito frias e raras, causadas por uma orientação ideológica completamente diferente, ou seja, o regime ultra-direitista de Salazar e o regime comunista na Checoslováquia. Não havia contato nem no campo cultural. Se algum livro português era traduzido, tinha sido apenas um daqueles aprovados pela censura do regime. Houve traduções de *Os Lusíadas*, de vários romances de Eça de Queirós e, sobretudo, traduções de escritores neorrealistas, apoiando a ideia do “domínio do povo” e o ponto de vista marxista.

### **“O meu Portugal” (Moje Portugalsko), número 12/24, 1954**

O ano de 1958 foi marcado pela instabilidade em França, havia a ameaça de um golpe político de esquerda, e František Listopad

provavelmente tinha medo do possível encerramento das fronteiras, que já tinha experimentado várias vezes durante a ocupação nazi, e do início do regime comunista. Nessa época já era casado com Júlia, uma mulher proveniente de Portugal, e tinha duas filhas. Toda a família se mudou para o Porto, no norte de Portugal, onde Júlia tinha a sua família. Para Listopad, o Porto não era um local desconhecido naquela época, já o tinha visitado várias vezes e ficou encantado com aquela cidade. Sobre a sua visita em 1954, escreveu uma coluna autobiográfica “O meu Portugal” (Moje Portugalsko), que foi publicada em *Sklizeň* em dezembro do mesmo ano. O artigo teve a forma de um diário de viagem, mas não foi escrito por um turista e sim por um exilado: “Somos exilados: em checo, partimos para viajar, e essa viagem já entrou no nosso sangue. Deveria haver uma mala no brasão dos emigrantes.” (Listopad, 1954: 2) Listopad desenvolveu ainda mais a teoria de que a bagagem com que foge é triste. Porém, assim que o seu dono se aquece um pouco num país estrangeiro, a triste bagagem vira uma mala de viagem.

Listopad apresentou o leitor não só ao Porto, mas através da diversificada paisagem portuguesa e na forma de um diário de viagem especial, levou-o até Lisboa. Com muitas observações diferentes, ele descreveu com humor e gentileza a atmosfera e os habitantes da metrópole mundial historicamente importante. Como se prenunciasse o seu futuro local de trabalho, ele encerrou a coluna com as palavras:

Eu não disse quase tudo. [...] Deve-se guardar algumas coisas numa caixa em segredo. [...] e tenho mais uma Lisboa e mais um Portugal na gaveta de baixo. Ainda há tempo. Sob a estação, as ruas matinais fumegam, os telhados brilham e aqueles que partem de algum lugar nunca partem (Listopad, 1954: 5).

Pouco depois da sua chegada definitiva a Portugal, deu seguimento a este folhetim com “novos excertos de um diário português” na revista *Archa* sob o título “Fora e dentro” (Venku a uvnitř). Mais de três dezenas de parágrafos curtos e destacados trazem impressões relâmpago que o olhar parece captar num piscar de olhos.

Desde o início encantou-se por Portugal porque encontrou nele crueza e originalidade. Nessa altura, durante o regime de Salazar, o país não era de cariz turístico, mas sim agrícola. Tudo parecia lindamente pequeno para Listopad. Ele, um homem de estatura média da Europa Central, sentia-se alto e imponente em todos os lugares. O posfácio dizia “Portugal não está pronto para nós [eslavos]” (Listopad, 1954: 3). Dedicou a parte inicial do diário de viagem ao Porto, de onde viajou de comboio e depois de autocarro via Coimbra, Nazaré e Óbidos até Lisboa. Ao descrevê-lo, ele teve que mencionar a lenda de Odisseu. O centro da capital parecia-lhe um espaço agitado semelhante a Paris, o resto lento e provinciano. Ele comparou a cidade à sua Praga natal e aos seus bairros como “Dejvická”. Esse recurso persistirá no seu trabalho: “Estou a chegar a Lisboa. As casas ficam mais densas, agrupadas, estão a formar ruas largas, há o primeiro carro elétrico e a primeira praça: nem melhor, nem pior que Dejvická. O autocarro segue impiedosamente em direção ao centro da cidade”<sup>6</sup> (Listopad, 1954: 4).

### **“O poeta da Saudade Portuguesa” (Básník portugalského stesku), número 10/70, 1958**

No artigo “O Poeta da Saudade Portuguesa” de 1958, a personalidade do poeta Mário de Sá-Carneiro é apresentada num pequeno medalhão. František Listopad apresentou este autor ao público exilado checo pela primeira vez. Na Checoslováquia, as informações sobre ele apareceram em forma de livro apenas em 1987, quando foi publicado um conjunto de textos traduzidos denominado Cinco Novelas Portuguesas (Pět portugalských novel), do qual fez parte *A Confissão de Lúcio* (1913) de Mário de Sá-Carneiro.

No seu artigo Listopad especulou que um poema chamado “Alcoois” tinha supostamente inspirado Apollinaire “a nomear assim toda a sua famosa coleção com o mesmo nome:” Ambos, com Appolinaire,

---

<sup>6</sup> “Přijíždím do Lisabonu. Domy houstnou, seskupují se, tvoří široké ulice, hle, první tramvaj a první náměstí: ne lepší ne horší než Dejvické. Autobus nemilosrdně pokračuje směrem střed města.”

abriram um caminho comum para aquela nova forma de poemas, caligramas.” (Listopad, 1958a: 13) Ao mesmo tempo, no artigo menciona uma palavra portuguesa importantíssima – a saudade, que Listopad define: “chandra portuguesa para a qual têm a sua bela palavra intraduzível: saudade.” (Listopad, 1958a: 13) Chandra é, de acordo com o *Dicionário de Palavras Estrangeiras* (Slovník cizích slov) de 1996, “uma indicação de melancolia, ou mesmo humor deprimido, ou também dor mundial ou opressão mental. Equivalente ao baço.” (*Slovník cizích slov*, 1996: 142). Ao mesmo tempo, Listopad compara a linguagem sombria e mística e a morte em tenra idade de Sá-Carneiro a Novalis. (Listopad, 1958a: 12) O retrato de Mário de Sá-Carneiro é acompanhado por dois pequenos poemas traduzidos, “O Pajem” e “Fim”, sem indicar o ano da publicação ou a coletânea de origem.

### **Dois poemas de Listopad na revista *Sklizeň* número 1-2/7 de 1960**

Dois poemas originais de František Listopada aparecem no número duplo 1-2 de *Sklizeň* de 1960. O primeiro chama-se “Outubro no Porto” (Říjen v Portu), é um pequeno texto em versos sobre três coisas: o rio Douro, os marmelos que se cozem em casa e o céu azul. O sujeito lírico “sentiu, viu, tocou ” essas três coisas do poema (Listopad, 1960: 2). O marmelo é uma fruta que liga a República Checa a Portugal, Praga ao Porto. No território da Europa Central, serve como árvore ornamental, principalmente em parques, e é também popular no sul da Europa, onde tradicionalmente se faz geleia a partir dela. Listopad era fascinado pelas frutas e, em geral, pela vida cíclica das árvores, que se regeneram a cada primavera, produzem frutos no verão e perdem as folhas no outono. A vida delas era mais esperançosa do que a vida humana. Ele mencionou frequentemente diferentes tipos de frutas nos seus poemas até nas suas últimas coletâneas, através das

frutas, caracterizou ambas as pátrias individuais, os seus climas e as personagens dos seus habitantes.<sup>7</sup>

### **“As Ilhas dos Açores Cantam” (Azorské ostrovy zpívají)“, número 3-4/10, 1962**

O pequeno artigo “As Ilhas dos Açores Cantam” volta a figurar entre os textos pioneiros, porque até então ninguém no meio checo tinha escrito sobre a poesia destas ilhas portuguesas. No texto, František Listopad descreve primeiro o arquipélago, enfatizando a sua origem vulcânica e localização no oceano. Salienta depois que os Açores “cheiram a poesia” (Listopad, 1962a: 18) porque a antologia local dos melhores poemas tem 14 volumes e inclui mais de 400 nomes de autores. Entre eles, cita verdadeiros clássicos da literatura portuguesa como Natália Correia ou Vitorino Nemésio. Segue-se uma tradução de três poemas, onde, no entanto, não menciona nem o autor nem a fonte, apenas escreve a informação de que cada poema tem um autor diferente.

### **“O Natal de um Poeta Lírico” (Vánoce lyrického básníka), número 5-6/10, 1962**

Muito interessante é a peça radiofónica de 1962 “O Natal de um Poeta Lírico” subtitulada *Segundo os motivos de Eça de Queirós*. František Listopad inspirou-se no conto de Eça “Um poeta lírico” numa peça destinada a radiodifusão, não à apresentação no palco.

Esse conto queiroziano foi publicado originalmente em 1880 em *O Atlântico* e incluído na compilação *Contos* em 1902. Narra a história triste de um poeta chamado Korriscosso. Tudo começa quando o narrador chega a Londres e se instala no hotel Charing-Cross. Quando vai almoçar, o autor avista um criado do restaurante magro, alto e triste a olhar para a lareira. Um volume de Tennyson desaparece do quarto.

---

<sup>7</sup> Sobre a temática da fruta na obra poética listopadiana fala o artigo “Jak zralé ovoce padá báseň“ de Karolina Válová incluído numa monografia coletiva *100 František / Jorge Listopad* (2021).

Passado um mês, quando o autor volta a Londres, perde-se no hotel e vai ter ao quarto dos criados onde vê Korriscosso, sentado a escrever, junto ao livro que lhe roubara. O criado conta ao narrador a sua triste história: ele era grego e estudara na Universidade, era formado em leis, viajou bastante e depois quando voltou a Atenas, consideraram-no ideal para gerir „uma alta administração do Estado“. No entanto, com a queda do ministério, Korriscosso perdeu o cargo e acabou por se tornar membro de um clube republicano. Por motivos que não explica, Korriscosso foi obrigado a refugiar-se na Inglaterra, onde aceitou um emprego num restaurante, mas odiava lá estar, porque não convivía nem conversava, só servia as pessoas. e vivia naquela profunda tristeza, pois estava apaixonado por uma criada de lá que o desprezava, preferindo um policial da Scotland Yard. A história de Korriscosso comoveu intensamente o escritor que, sempre que visitava o hotel, fazia questão de lhe dar um shilling de gorjeta e apertava-lhe sinceramente a mão.

František Listopad fez a seguinte introdução à sua peça:

O autor, e também em certa forma, um herói do conto que serviu de modelo para esta peça radiofónica, é o mais famoso escritor português do século XIX, Eça de Queirós, uma versão portuguesa de Stehndhal, Balzac e Zola numa original pessoa só. [...] Romancista prolífico, colunista brilhante, moralista, polemista, político, foi durante anos funcionário diplomático em Havana, Londres e finalmente cônsul em Paris, onde também faleceu. Raramente ele escrevia contos; com um deles, um pouco de Natal e um pouco de exílio, apresentamos-te nesta forma dramática (Listopad, 1962b: 3).

Listopad fez de Eça uma das personagens, outra a do narrador e a da empregada. O protagonista chama-se Koriskozo que é melhor pronunciado pelos checos. O enredo da peça segue o conto queiroziano, apenas o narrador por vezes comenta que a personagem-senhora Eça “tem experiência diplomática e por isso compreende melhor a situação de Koriskozo” (Listopad, 1962b: 4). e Koriskozo sobre a sua estadia em Londres declara que “Afinal não é o pior asilo” (Listopad, 1962b: 6), o tema da peça é principalmente o exílio e a peregrinação,

bem como a crise poética. Koriskozo preocupa-se mais com o facto de a sua amante não conseguir ler versos em grego do que com o facto de ela não retribuir os seus sentimentos.

### **“Coros do Contrabandista” (Pašerácké refrény), *Sklizeň* número 1-2/11, 1963**

Um artigo de 1963 trata do rio Minho e faz parte de uma coluna dedicada às traduções. É uma combinação de um breve texto de um diário de viagem e uma amostra literária da região. Na introdução, o leitor fica a conhecer dados geográficos sobre o Rio Minho. Este rio, que é uma fronteira natural entre Espanha e o norte de Portugal, é descrito como parcialmente perigoso. Os contrabandistas, que queriam evitar o pagamento de taxas, operavam em ambos os bancos, transportando mercadorias através da fronteira, as quais depois vendiam por um preço mais barato. Segundo Listopad, a atividade foi tão difundida que chegou até às canções e poesias folclóricas locais. Seguem-se três poemas muito curtos, novamente sem autor, título ou fonte. Porém, é possível que se trate de poesia popular e os autores não sejam conhecidos.

### **Poema “Lisboa” (Lisabon) na revista *Sklizeň* número 5-6/11, 1963**

Em 1963, apareceu na revista *Sklizeň* uma nova coluna dedicada à poesia, intitulada “De uma nova obra original”. František Listopad contribuiu com o poema “Lisboa”, que mais tarde também não apareceu em nenhuma coletânea de poesia. Esta coluna foi concebida como uma canção com um refrão em forma de pergunta: “Não conheces Lisboa”? Está novamente repleta de referências geográficas, fala-se do salto das muralhas do Castelo de São Jorge e do icónico edifício-elevador, que é o famoso Elevador de Santa Justa de Lisboa. Tudo se mistura com uma descrição do processo de aprendizagem de uma nova língua, que o próprio František Listopad vivenciava na época

com a língua portuguesa: “Estou a aprender uma língua em que foram encontradas rimas”<sup>8</sup> (Listopad, 1963: 2)

### **Dois outros textos significativos de Listopad sobre Portugal nos periódicos do exílio**

František Listopad escreveu de forma consistente e constante em vários periódicos do exílio. Contribuiu com as suas poesias e contos, traduziu textos de diversas literaturas, escreveu retratos de artistas famosos, compilou diários de viagem. Concentrou-se principalmente na região francesa, mas o seu interesse foi crescendo por Portugal e pelo Brasil.

Desde a segunda metade dos anos setenta, Listopad perdeu-se para o público checo exilado. Estava totalmente focado na vida familiar e profissional portuguesa, trabalhava na televisão e na rádio. No início da década de 1980, criou um grupo de teatro e também desenvolveu atividades docentes. Desaparecia lentamente da vista dos leitores exilados, sendo quase esquecido na sua terra natal em que entretanto cresciam outras gerações de autores e autoras. O interesse pela obra listopadiana, bem como a publicação de todas as poesias das gavetas, só ocorreu depois de 1989, após a queda do regime comunista.

Neste artigo, gostaria ainda de apresentar mais dois textos importantes sobre a literatura portuguesa das revistas *Archa* e *Proměny*.

A revista de orientação cristã *Archa* foi publicada em 1958-1963 pelo Departamento Cultural (mais tarde Secção Cultural) do Comité de Refugiados da Checoslováquia em Hamburgo. *Archa* deu continuidade à revista do mesmo nome, publicada em Olomouc de 1912 a 1948, e ao mensal de Munique *Voz do exílio* (Hlas exilu). František Listopad apresentou o icónico poeta português do século XIX Cesário Verde no artigo “João Baptista da poesia portuguesa moderna: – Cesário Verde” (Jan Křtitel moderní portugalské poezie – Cesário Verde) na revista *Archa*. Escreveu sobre Cesário como um leitor e seguidor de Baudelaire, cujo simbolismo reservado foi atravessado por Cesário Verde que

---

<sup>8</sup> učím se řeči, v které se našly rýmy.

assim se tornou um pioneiro da futura poesia do século XX. A obra *Sentimento dum Ocidental* deste autor, “um dos mais bonitos poemas escritos em português” (Listopad 1959, 135-139), como a caracteriza Listopad, foi traduzida para checo sob o título *Pocit západního člověka*. A tradução feita por Listopad da primeira parte desta extensa composição poética está anexada ao artigo mencionado.

A revista *Proměny* foi publicada quatro vezes por ano entre 1964-1991 e em Nova York pela Sociedade Checoslovaca de Ciência e Arte. O seu editor mais importante foi Ladislav Radimský (até 1970), ele próprio um autor ativo e também ex-colega de Sklizeň. A revista *Proměny* assumiu o formato e a forma de trabalhar de Sklizeň e também fez muito sucesso.

No primeiro número da revista *Proměny*, em 1964, foi publicado o artigo “Poeta Esquartejado – Fernando Pessoa” (Rozčtvrcený básník – Fernando Pessoa). Foi a primeira informação sobre este autor e poeta fenomenal que os leitores checos obtiveram. Listopad descreveu-o como “um dos primeiros poetas conscientes da metrópole, antes de esta atitude se tornar uma escola e uma moda” (Listopad, 1964: 8). Às traduções dos versos de Pessoa acrescentou poemas dos seus três autores heterónimos: Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. Entre os poemas traduzidos do próprio Pessoa está o poema “Natal”, que František Listopad traduziu da forma seguinte:

Vánoce

Zrozen je Bůh. Ostatní mrtví.  
Pravda nepřišla neodešla.  
Omyl se změnil.  
Máme nyní jinou věčnost  
vždy lepší je co bylo předtím.  
Lichá věda líchu darmo oře.  
Bláznivá víra snem své modly žije.  
Nový Bůh je pouze jedno Slovo.  
Nehledej nevěř. Tajemství vše je  
(Listopad, 1964: 9).

É interessante ver que o regime comunista checoslovaco não se importou com a obra complicada de Pessoa e que inclusive o achou adequado para os leitores locais. Por isso, em 1968, foi publicada uma antologia da sua poesia chamada *Heteronyma*. Os poemas foram traduzidos pela mais famosa tradutora checa da língua portuguesa Pavla Lidmilová, com a ajuda poética de Josef Hiršal. O poema “Natal” também se encontra na antologia e é traduzido de forma bem diferente:

Vánoce

Rodí se bůh. A jiní mřou. A pravda, kterou známe,

Nepřišla ani neodešla: změnil se jen Klam.

Jinou Věčnost teď' vzýváme a máme.

Vždy bylo lepší, co již je to tam.

Slepá Věda, ta kypří planý luh.

Šílená Víra jen sen kultu žije.

Pouhé slovo je nový bůh.

Nehledej, nevěř: všecko tajemství je

(Pessoa, 1990: 32).

## O grau de dificuldade da poesia

František Listopad foi um importante mediador entre a cultura checoslovaca e a portuguesa. Nas páginas de revistas de exílio, especialmente da revista *Sklizeň*, apresentou autores portugueses, diários de viagens e ensaios culturais aos leitores em língua checa. Tentou fazer o mesmo com os leitores portugueses, mas esbarrou na barreira linguística. Numa entrevista à Rádio Checa, ele disse:

A poesia checa tem grande dificuldade em ser traduzível. É tão boa que não pode ser traduzida. Mas já traduzi algumas coisas porque era absolutamente necessário, educado e moral – por exemplo Seifert. Mas fiz o contrário, traduzi do português para o checo, isso é muito mais fácil porque o checo é mais rico (Štráfěldová, 2006).

## Referências bibliográficas

- HOLÝ, J., Lukeš, E. (2001), *Česká literatura od počátků k dnešku*, Lidové noviny, Praga.
- HRUŠKA, P. (2008), *V souřadnicích volnosti, česká literatura devadesátých let dvacátého století v interpretacích*, Akademie věd ČR, Praga.
- JANOUSEK, P. et al. (2008), *Dějiny české literatury 1945-1989*, Academia, Praga.
- LISTOPAD, F. (1954), “Moje Portugalsko”, *Sklizeň*, 12(24), Hamburgo, p. 2-5.
- LISTOPAD, F. (1958a), “Básník portugalského stesku”, *Sklizeň*, 10(70), Hamburgo, p. 12-13.
- LISTOPAD, F. (1958b), “Venku a uvnitř” *Archa*, 3(1), Hamburgo, p. 78-88.
- LISTOPAD, F. (1959), “Jan Křtitel moderní portugalské poezie: – Cesário Verde”, *Archa*, 7(2), Hamburgo, p. 135-138.
- LISTOPAD, F. (1960), “Podzim v Portu”, *Sklizeň*, 1-2(7), Hamburgo, p. 13.
- LISTOPAD, F. (1962a), “Azorské ostrovy zpívají”, *Sklizeň*, 3-4(10), Hamburgo, p. 18-19.
- LISTOPAD, F. (1962b), “Vánoce lyrického básníka”, *Sklizeň*, 5-6(10), Hamburgo, p. 3-7.
- LISTOPAD, F. (1963), “Pašerácké refrény”, *Sklizeň*, 1-2(11), Hamburgo, p. 14-15.
- LISTOPAD, F. (1964), “Rozčtvrcený básník – Fernando Pessoa”, *Proměny*, 1(1), New York, p. 9-13.
- PESSOA, F. (1990), *Heteronyma*, trad. Lidmilová, P., Hiršal, J., Odeon, Praga.
- PŘIBÁŇ, M. (2008), *Prvních dvacet let (Kulturní rada a další kapitoly z dějin literárního exilu 1948-1968)*, Host, Brno.
- PŘIBÁŇ, M. et al. (2018), *Český literární samizdat (1949-1989 edice časopisy sborníky)*, Academia, Praga.
- Slovník cizích slov* (1996), Encyklopedický dům, Praga, p. 142.
- STRNAD, J. (1990), “Padesátá léta v české exilové literatuře”, *Tvar*, 35, Praga, p. 5.

- 
- ŠTRÁFELDOVÁ, M. (2006), „Jsem bez domova a bezdomý”, [online], <https://cesky.radio.cz/jsem-bez-domova-a-bezdomy-rika-o-sobe-basnik-frantisek-listopad-8613487>, 11.09.2024.
- VÁLOVÁ, K. (2021), “Jak zralé ovoce padá básně” em: Válová, K. et al. (eds), *100 František / Jorge Listopad*, Vydavatelství FF UK, Praga, p. 45-74.